



A importância de olhares diversos para o Ensino de História

O que estuda a ciência História? Temos aqui um questionamento que parece simples e que levaria várias pessoas a responderem: “*o passado*” ou até alguns que se perguntariam: “*mas História é Ciência?*”. Tais respostas e questionamentos que partem do senso comum estão no cerne para entendermos o que é a ciência História e como devemos abordá-la, entende-la e aí então pensarmos também como deve ser pensado o ensino de História nas escolas.



Aula de História

O fato de o imaginário popular sempre associar o cientista como aquele que usa jaleco branco, óculos de proteção e trabalha em um laboratório, muitas vezes faz com que as ciências humanas, como a História, não sejam vistas como ciência. Contudo, a classificação de uma área de estudo como ciência baseia-se essencialmente no emprego de um método científico. Na História, esse método é primordialmente fundamentado no levantamento, análise e interpretação das fontes históricas - vestígios e fragmentos deixados pelos seres humanos que habitaram o passado, seja ele distante ou mais recente, como o que ocorreu ontem.

Mesmo que possua um método científico, assim como as ciências naturais, como a Física ou a Química, a História tem algumas especificidades. Sua principal diferença reside na inexistência, até o momento, de uma máquina do tempo (o que, felizmente, ainda não ocorreu). Essa ausência impede a realização de experimentos para comprovar teses na ciência História. É justamente por essa razão que a interpretação feita por cada historiador a partir das fontes selecionadas se torna crucial. E, mesmo que esse profissional se esforce para tentar buscar o máximo de imparcialidade naquilo que estuda e escreve, sabemos que será impossível manter-se completamente neutro. Invariavelmente suas escolhas e interpretações estarão carregadas por suas visões de mundo, afinal, como diria Frei Betto

“a cabeça pensa onde os pés pisam.”

A frase acima se torna reveladora se pensarmos que a História é a ciência que tenta interpretar os seres humanos e suas experiências no passado e, levando em consideração a complexidade da experiência humana, jamais seria possível para um historiador tentar resgatar o passado. O que se torna possível é a busca por interpretações, e nesse contexto, para qualquer evento histórico, há espaço para múltiplas interpretações, tantas quantas forem as pessoas que participaram ou estudaram o ocorrido. Essas interpretações variam consideravelmente de acordo com as visões de mundo de cada indivíduo.

Dessa forma, para pensarmos o ensino de História temos que partir de três premissas básicas:

1. A História é a ciência que estuda os seres humanos no passado;
2. A História é uma interpretação do passado a partir das fontes históricas levantadas pelo historiador;
3. O Historiador não possui uma interpretação neutra, afinal não existe discurso neutro.

Ensino de História – olhares diversos



Diversidade

Se considerarmos o fato de o ser humano ser extremamente complexo e que cada indivíduo interpreta o mundo de acordo com sua própria cultura e experiências, como poderíamos afirmar que existe apenas uma realidade ou uma interpretação para a realidade? A resposta para essa pergunta é que não podemos e, ao transportarmos isso para a História, também não podemos nos prender à apenas uma interpretação do que aconteceu no passado. Fazer isso, seria levar em consideração apenas uma versão da História, que geralmente seria a versão dos vencedores. Seriam versões para os fatos que legitimaram ações de domínio de um grupo sobre outro ou outros como já vimos tantas vezes acontecer na História, com tentativas de apagamento ou de exaltação de fatos, figuras, processos. Conclui-se, portanto, que a História é um terreno marcado por uma disputa de narrativas.

Nesse cenário, o ensino de História no Ensino Básico tem o dever de apresentar o maior número possível de pontos de vista para a História. Afinal, não podemos nos contentar em provocar o estudo dos estudantes de uma história eurocêntrica. Escorregar na armadilha do eurocentrismo histórico, faz com que nossos alunos continuem reproduzindo essa única visão da História, já consolidada por ser a versão dos vencedores, reverberando, portanto, na sociedade como um todo.

Para exemplificar, peguemos o processo da conquista da América pelos europeus no século XVI. Esse processo, extremamente complexo, foi tradicionalmente ensinado nas escolas brasileiras, especialmente até o século XX, sob a perspectiva exclusiva europeia. Essa visão míope, restrita e unilateral do evento resultou e continua gerando diversos impactos negativos. Um desses efeitos é a disseminação do conceito generalizado de "índio" para se referir aos povos originários da América. Esse termo obscurece a notável diversidade entre os inúmeros povos indígenas que habitavam o continente americano, assim como suas distintas motivações. Isso configura, sem dúvida, um claro processo de desumanização desses povos. Apagar suas histórias, perspectivas, desejos e interesses equivale a desumanizá-los. Quando isso ocorre através de um projeto político-pedagógico, inadvertidamente, estamos contribuindo para a massificação do processo de colonização do pensamento.

A partir do final do século XX e início do século XXI, testemunhamos avanços significativos no processo de decolonização do ensino de História no Brasil, destacando marcos importantes nessa trajetória. Um deles é a promulgação da lei 10.693/03, que torna obrigatório o ensino de História africana, afro brasileira e indígena nas escolas brasileiras. Essa medida trouxe à luz perspectivas históricas anteriormente negligenciadas, tanto na narrativa histórica em si quanto no ensino de História, reconhecendo a importância das visões desses povos sobre o passado, que se equiparam em relevância à perspectiva europeia. Paulo Freire, em consonância com essas mudanças, ressaltava a importância de uma história multifacetada ao afirmar que

“não há uma cultura mais culta do que outra; existem culturas paralelas e distintas que se complementam na vida social”.

Em sua jornada dedicada ao ensino de História, os professores jamais devem perder de vista o propósito fundamental da ciência que compartilham: explorar a vida humana no passado. Isso implica considerar a multiplicidade de experiências de diferentes povos e grupos, abrindo espaço para as diversas visões acerca dos eventos históricos. Ao proporcionar voz não apenas aos vencedores, mas também aos marginalizados socialmente, durante suas aulas, o professor de História se torna um agente de transformação, contribuindo para um mundo mais equitativo. Desse modo, ele combate ativamente o racismo, o machismo, o etnocentrismo e toda forma de discriminação existente.

Hugo Cruz
Consultor Educacional

Sobre o autor



Hugo Cruz

- Graduado em História com habilitação em patrimônio histórico pela Unifesp
- MBA em gestão escolar pela USP/esalq
- 11 anos como professor em sala de aula
- Atualmente consultor educacional